

SETE HIPÓTESES SOBRE O ENSINO DE PAISAGISMO NOS CURSOS DE
ARQUITETURA E URBANISMO

VIII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo nas Escolas de Arquitetura
São Paulo – 6 a 10 de Setembro de 2006

Arquiteta Sonia Afonso
Doutora pela FAUUSP, sob a orientação do Prof. Dr. Silvio Soares Macedo
Professora do ARQ - Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do
PósARQ - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

*Dedico este texto ao Prof. Dr. José Cláudio Gomes,
meu orientador de mestrado na FAUUSP,
que nos idos de 1980 escreveu
as Sete Teses sobre a Arquimemória
e me inspirou a escrever estas hipóteses.*

Este texto surgiu do enfrentamento das dificuldades de implantar uma disciplina (objetivos, conteúdos, métodos e práticas) de paisagismo em um Curso de Arquitetura e Urbanismo onde existem pessoas que acreditam que o ensino do Projeto do Edifício é a linha mestra do curso, enquanto as demais disciplinas são acessórias, quando não desnecessárias. O texto foi desenvolvido a partir da prática de atelier da disciplina Urbanismo e Paisagismo III (desde 1998) e sem a relutância de alguns alunos (apoiados por alguns professores) em realizar tarefas obviamente necessárias não teria sido possível argumentar as hipóteses listadas a seguir. A eles o nosso agradecimento.

1a. Hipótese

NENHUM PROJETO PARTE DO ZERO, PORTANTO É ESSENCIAL ESTUDAR A SITUAÇÃO EXISTENTE

É comum entre os estudantes de arquitetura que uma atitude paralisante aconteça por não saber por onde começar um projeto. A síndrome do papel em branco (ou da tela em branco) é limitadora para alguns enquanto para outros, o papel em branco é libertador, pois permite a construção de castelos no ar, ao seu bel prazer, herança do estilo internacional. Nem uma nem outra atitude é adequada no aprendizado do projeto. A situação pré-existente é imprescindível na definição de novos edifícios e espaços abertos e daí a importância de iniciar, com a sua representação, os riscos neste papel em branco. Michelangelo como arquiteto e urbanista considerou a preexistência medieval da Praça do Campidoglio em Roma ao propor a reorganização deste espaço. Edmund Bacon denominou esta atitude de Michelangelo, de respeito ao que foi realizado anteriormente, de “Principio do Segundo Homem”

2ª. Hipótese

O ESPAÇO EXTERNO É TAO IMPORTANTE QUANTO O ESPAÇO INTERNO

Muitos alunos e mesmo arquitetos pensam somente nos aspectos formais e funcionais dos edifícios, deixando a questão da implantação sujeita somente aos limites mínimos e máximos dos códigos urbanísticos. Esta atitude equivocada gera a produção de imutáveis espaços residuais (MACEDO) onde é difícil dar um uso posterior, já que o espaço exterior não foi pensado juntamente com a definição da arquitetura, trazendo como consequência a insolação inadequada de arquiteturas, de espaços interiores e exteriores. Ashihara valoriza o desenho dos espaços exteriores e recomenda estratégias que tornam agradável percorrer as distancias entre as edificações, onde a escala e os espaços de transição merecem destaque. O mesmo ocorre nas rodovias. É fato comprovado, que se uma rodovia tem um tratamento paisagístico bem elaborado para oferecer aos motoristas e passageiros, estes não se incomodam em andar mais lentamente para apreciar a paisagem, incidindo esta prática, inclusive, na segurança.

3ª. Hipótese

EXISTEM LUGARES MAIS ADEQUADOS PARA CONSTRUIR E OUTROS MAIS ADEQUADOS PARA PLANTAR E PARA SABER A DIFERENÇA ENTRE UNS E OUTROS O ESTUDO DA TOPOGRAFIA É ESSENCIAL

A água é o elemento essencial para a manutenção dos seres vivos. Na presença da água nascem as vegetações características de cada lugar, conhecidas como matas ciliares. É comum pensar que em áreas urbanas a mata ciliar seja desnecessária e cada vez mais as margens são desmatadas e os rios são canalizados e as orlas marítimas urbanizadas. Plantas que levaram muitos anos para crescer e que protegem os terrenos dos processos erosivos desaparecem deixando em seu lugar a paisagem da destruição. Se alguns princípios básicos fossem considerados, como a fertilidade do solo e a estabilidade dos terrenos, as cidades seriam construídas em lugares apropriados, deixando as linhas de drenagem natural e as margens de córregos, rios, lagoas, lagunas e praias desimpedidas para cumprir o ciclo das águas, sendo destinadas à construção de parques fitogeográficos (AB'SABER) urbanos. Ao prescindir do levantamento topográfico de uma localidade para a elaboração de um projeto, alunos e arquitetos perdem a oportunidade de propor a inserção urbana adequada ao meio físico, promovendo o estado de coisas atual: enchentes, deslizamentos de terra, ilhas de calor e paisagens degradadas, ao invés de criar parques, praças, passeios e mirantes.

4ª. Hipótese

EMBORA A OPINIÃO DO USUÁRIO SEJA IMPORTANTE, CABE AO ARQUITETO DEFINIR COMO OCUPAR OS ESPAÇOS EXTERNOS, ATRAVES DO DESENHO

Embora pareça uma atitude autoritária, que um profissional venha a decidir o destino de toda a população no que se refere à destinação dos espaços livres (MAGNOLI), no Brasil é atribuição profissional do arquiteto e urbanista realizar: projetos de parques, de recuperação de áreas degradadas; de praças de edifícios de escritórios e de bairros residenciais; praças públicas, parques lineares ao longo de rios e vias; *campi* universitários, parques tecnológicos e empreendimentos habitacionais, planejando e projetando a construção de projetos úteis e agradáveis para a população. No Brasil, como não existe a tradição da construção de passeios, praças e parques, as pessoas não sabem o que estão perdendo em

qualidade de vida, até que um dia viajam para algum lugar que possua estes elementos qualificadores da paisagem e passam a demandar estes programas. Assim como a arquitetura não pode prescindir do programa banheiro, a arquitetura dos espaços livres não pode prescindir de programas tais como: lugares de contemplação, de lazer, de conservação do patrimônio natural e edificado, de praças de vizinhança de escritórios e de residências e de viveiros de plantas, tudo isso orquestrado por um afinado Departamento de Parques. Acrescente-se a isso a extensa faixa litorânea composta de uma seqüência respeitável de enseadas, estuários mangues, costões e água, que faz pensar os incautos, que praças e parques sejam desnecessários em cidades de praia. Consideremos, finalmente, o sol, o elemento ar, as cores do céu, do clima e das estações, todos itens respeitáveis pelos magníficos resultados de diferentes programas de paisagismo. O usuário deve ser ouvido, mas principalmente observado e analisadas as suas atividades de qualquer natureza (GOMES), ao longo das 24 horas do dia, dos dias da semana e das estações do ano. Revertendo estas observações para os programas de projeto. A participação do usuário nas decisões sobre a criação destes espaços pode e deve ser considerada (STEINITZ, LIMA), mas seria descaso e irresponsabilidade do arquiteto e urbanista, do estudante de arquitetura e de outros profissionais relativos à área do paisagismo, afirmar não ser este seu papel, delegando o projeto dos espaços livres aos usuários.

5ª. Hipótese

ALGUNS ARQUITETOS PROJETAM DAS PARTES PARA O TODO, MAS OUTROS DO TODO PARA AS PARTES

Muitas vezes o professor estabelece roteiros metodológicos a serem seguidos pelos alunos. Estes roteiros geralmente começam pelo levantamento de dados, passam pelas análises e num crescendo chegam às exigências projetuais e construtivas. Entretanto, muitos alunos e profissionais não conseguem criar desta forma e sentem necessidade desde o início do projeto de ter uma visão volumétrica do edifício. Para este grupo de projetistas, o todo é o edifício e quando eles passam para o detalhamento das partes costumam adentrar no edifício considerando as partes do seu interior, deixando o todo e as partes externas para serem tratadas posteriormente. Nem sempre produzem espaços externos residuais, uma vez que implantação pode ser primorosa e os acessos perfeitos, mas dedicam tanto tempo à elaboração de maquetes e croquis do edifício que muitas vezes, até o final do semestre, os resultados paisagísticos são meramente esquemáticos e pouco detalhados. Neste caso, cabe ao professor flexibilizar a ordem de entrega dos exercícios, mas especialmente orientar o aluno a respeito das exigências das disciplinas de paisagismo, para que estas sejam atendidas dentro dos prazos.

6ª. Hipótese

O ESTUDO DA VOLUMETRIA EDIFICADA DA SITUAÇÃO EXISTENTE É ESSENCIAL PARA A DEFINIÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERNOS

Quando solicitamos aos alunos que façam o levantamento do número de pavimentos dos edifícios de determinado bairro ou fragmento de bairro muitos reagem à execução da tarefa sob o pretexto que trata-se de um trabalho braçal de pouca aplicabilidade. A volumetria do local é essencial para estudar a configuração dos espaços livres. Projetar uma praça para um entorno de edifícios de 2 pavimentos é muito diferente do que projetar para um entorno de

12 ou mais pavimentos. Olmsted teve uma visão à frente de seu tempo ao vislumbrar a necessidade de reservar uma área para a construção de um parque urbano. Uma vez consolidado, o parque tem o porte adequado para receber toda a densidade que o configura atualmente, além de outras qualidades, tais como, sua característica de natureza transformada para melhor, possível somente através de obras de engenharia.

7ª. Hipótese

O ESTUDO DOS USOS EXISTENTES É ESSENCIAL PARA A DEFINIÇÃO DOS USOS DOS ESPAÇOS EXTERNOS

É freqüente a resistência dos alunos em estudar os usos existentes em um bairro ou fragmento de bairro. Projetar um *pocket park* para um entorno de edifícios residenciais é muito diferente do que projetá-lo para o entorno de edifícios de escritórios. Entretanto, estudar os usos existentes em uma localidade serve principalmente para demonstrar as lacunas das leis de zoneamento, que ao trabalhar com áreas de uso exclusivo empobrecem as alternativas de uso da população. As exigências de um setor residencial e de um setor de serviços são diferentes, mas estas áreas não precisam estar localizadas a quilômetros umas das outras, forçando os usuários a grandes deslocamentos para habitar, trabalhar, estudar, cuidar da saúde, divertir-se e apreciar a paisagem.